

Contação de histórias como recurso didático
Luiza Alves e Silva; Carlos Vinicius Veneziani dos Santos

Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo

Resumo: O objetivo deste trabalho é demonstrar de que forma a contação de histórias pode ser aplicada em sala de aula como técnica de abordagem didática para ampliação de conhecimento de linguagem, narrativa e técnicas cognitivas como memorização e concentração. Para atingir este objetivo serão demonstrados dois autores principais, Walter Benjamin (2010) e Giuliano Tierno (2016), dos estudos sobre a contação, e algumas autores que buscam relacionar a contação com a sala de aula e educação. A partir destes estudos será demonstrado de que forma os alunos podem aproveitar este conteúdo para seu crescimento pessoal e para melhorar o funcionamento da relação aluno-professor dentro de sala de aula. Por fim, espera-se comprovar que a técnica de contação de histórias não tem objetivo de se tornar um meio avaliativo para os alunos, e sim uma manutenção e troca de vivências e visões de mundo.

Palavras-chave: contação de histórias, leitura, literatura.

Linha Temática: Formação inicial e continuada de professores

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida tem objetivo de demonstrar de que forma as técnicas de contação de histórias podem ser aplicadas didaticamente em sala de aula. A partir de estudiosos como Walter Benjamin (2010) e Giuliano Tierno (2016), que se dedicaram a pensar a prática de contação de história na sociedade, serão feitos levantamentos quanto à importância sócio-cultural desta técnica de narrativa. Quanto a aplicação da modalidade em sala de aula serão utilizadas para embasamento teórico as autoras Regina Machado (2015) e Vera Lúcia Lins Sant' Anna (2012). Esperamos conseguir demonstrar de que forma a contação é essencial para troca aluno-professor, o quanto ela engrandece a construção de sala de aula e, por fim, explicitar de que forma esse gênero deve ser trabalhado e aplicado. A contação de histórias enquanto prática social busca a conexão e troca de experiência entre o narrador e o ouvinte; o mesmo processo pode ser trazido para dentro de sala de aula com o objetivo de criar uma partilha de vivência e crescimento pessoal entre aluno e professor, permitindo assim que ambos troquem conhecimentos construídos a partir de situações vividas. A apresentação terá uma breve história da contação de histórias, sua importância e alguns aspectos culturais da técnica; em seguida, será relacionada a contação com a sala de aula, sendo justificada com argumentos de estudiosos da área; por fim, uma breve explicação de como a técnica deve ser aplicada em sala de aula para melhor aproveitamento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A contação de histórias é vista como momento de troca de vivências desde os primórdios das civilizações. Em diferentes culturas desde sempre havia um determinado espaço para que líderes e/ou viajantes pudessem compartilhar com os outros suas experiências, como os camponeses sedentários que aguardavam os marinheiros comerciantes voltarem de suas odisséias para contar as histórias que viveram. Desses períodos trazemos a ideia de que narrações orais são melhores do que aquelas registradas por escrito, uma vez que a figura do narrador é parte essencial da contação, e aliadas a ela

estão muitas características, que colaboram para exaltação daquele que compartilha a vivência. Na tradição, quanto mais se vivenciam experiências, mais sabedoria se possui. Aqueles que conheciam lugares e pessoas traziam consigo ensinamentos morais, provérbios e conselhos de vida, estes chamados por Walter Benjamin de dimensão utilitária da narração: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2010, p. 201).

Uma faculdade mental essencial mobilizada pela contação de histórias é a memória; para Benjamin, “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”, aquilo que se prolonga não prende mais a atenção; assim, a capacidade de concentração e memorização do homem está se perdendo. Aliada a isso, vai-se a capacidade de memorizar situações e reproduzi-las.

Uma perspectiva importante da contação para sala de aula é a melhora do vínculo aluno-professor; Giuliano Tierno, em sua tese que analisa a obra de Walter Benjamin, afirma que vivemos em uma sociedade de espetáculo. Para ele, a atenção dos seres humanos está voltada para aquilo que encanta e prende a atenção. Nesse panorama, no qual a contação se posiciona, aquilo com que nos sentimos conectados capta nossa atenção e, se pensarmos em situações de sala de aula, nas quais a atenção e concentração por parte dos alunos é artifício essencial, a contação pode ter grande contribuição. Para Tierno, nós nos atraímos por aquilo com que nos identificamos; ele nomeia este sentimento de “partilha do sensível”. Por essa concepção, cada ser humano tem uma maneira individual de observar o mundo e suas complexidades. Quando partilhamos nossas experiências selecionamos o ponto de vista do qual observamos o mundo, a escolha de informações constrói nossa visão na forma da dualidade: é comunicado porque é importante ou é importante porque é comunicado? Para Tierno,

Interessa pensar como essa retomada [da contação de histórias] é sintomática do desejo das populações das cidades em expor as palavras nos espaços públicos em busca d’a partilha do sensível, de estar com, de compartilhar, de partilhar experiências comuns ao todo e preservar aquelas experiências que dizem respeito apenas às partes (TIERNO, 2016, p. 15).

As perspectivas citadas anteriormente destacam a importância do contato com narrativas para a criança, sendo que narrativas orais ou escritas são essenciais para criatividade, desenvolvimento cognitivo, percepção de visão do outro, memória, concentração e linguagem, enquanto compreensão e interpretação de textos, conforme afirma Regina Machado: a narrativa pode “estender-se para cada leitor e dialogar com suas experiências e recursos de compreensão” (MACHADO, 2015, p. 13).

Para Machado, a grande questão das contações de história em sala de aula é quando se desloca o sentido da contação da interpretação e compreensão para a questão avaliativa; nesse formato, todo sentido de vivência se perde, uma vez que o foco se transmuta para correções gramaticais, análises de orações ou perspectivas de narração. “A intenção educativa que focaliza ‘falar, ler e escrever corretamente’ como obrigação social e ‘cidadã’ corre o sério risco de afastar as crianças da arte da palavra e da escuta” (MACHADO, 2015, p. 19).

A questão do imaginário para a contação de histórias também é muito explorada nos estudos sobre o tema. Vera Lúcia Lins Sant’Anna afirma que o sonho e a fantasia são representações do imaginário na experiência humana, e que, para formação do adolescente, o estímulo à criação e ao entendimento do imaginário é essencial e complexo, devendo ser trabalhado ao longo da formação educacional (SANT’ANNA, 2012).

É interessante perceber que a contação tem diversas perspectivas que podem ser trabalhadas e desenvolvidas em sala de aula. Muitos enfoques podem partir da observação de uma contação, ou até mesmo da criação e apresentação por parte dos alunos. Pode-se trabalhar linguagem, organização narrativa, noção temporal, memória, concentração, muitas questões de apresentação como retórica e entonação de voz.

3 METODOLOGIA

O estudo encontra-se em andamento e está sendo feito a partir do levantamento de textos que se referem ao tema. Os textos são lidos e fichados em formato de resumo e tópicos principais, após leitura ocorre reunião para debate do texto, onde se decide se o texto será utilizado no embasamento da pesquisa. O textos serão compilados para que se obtenha uma apresentação oral que exponha a importância da contação de histórias em sala de aula.

4 RESULTADOS

A exposição oral da pesquisa em andamento deverá contar com uma exposição geral dos resultados atingidos até o momento, articulada a texto dissertativo que contenha justificativas da utilização da técnica de contação de histórias, embasado em autores que estudam a exposição de contos e a cultura de troca de vivências. A intenção é esclarecer de que forma a contação deve ser feita para que a troca relação aluno-professor se aprimore e seja construtiva para o contexto escolar.

5 CONCLUSÕES

Pelos levantamentos de Benjamim e Tierno, vimos como a contação pode ser proveitosa para compartilhamento de experiência humanas, para a ampliação da nossa visão de mundo, para capacidade de se colocar no lugar do outro. Ao trazermos essa técnica para sala de aula, o objetivo vai além de como tornar a contação um recurso linguístico a ser avaliado. Como objetivo mais amplo, pretende-se gerar condições para troca interativa entre aluno e professor, na qual o contato pode ampliar o conhecimento pessoal, não deixando de lado todos os aspectos educacionais socialmente esperados, como abordagem linguísticas, criação de narrativas, aspectos de criação de enredo e apresentação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: magia e Técnica, arte e política. São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.

MACHADO, Regina. A arte da palavra e da escuta - 1edº. São Paulo: Reviravolta, 2015.

SANT' ANNA, Vera Lucia Lins. O imaginário religioso infantil: análise e reflexos no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação (PUC-MG), 2012.

SIQUEIRA, Giuliano Tierno de. O narrador : considerações sobre a arte de contar histórias na cidade. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2016